

Israel inicia ofensiva terrestre para ocupar Cidade de Gaza

Exército vem intensificando bombardeios contra o território há semanas

/ GUERRA

O Exército de Israel iniciou uma ofensiva terrestre para ocupar a Cidade de Gaza. As forças israelenses já vinham expandindo seus ataques aéreos contra a maior cidade da Faixa de Gaza nas últimas semanas. O que se iniciou, no entanto, é a tomada via tropas terrestres, que até então não haviam atuado desta maneira na região.

O gabinete de segurança de Israel, presidido pelo primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, aprovou no mês passado um plano para expandir a campanha militar e controlar a Cidade de Gaza, capital do território homônimo. O premiê afirma que a capital é um reduto do Hamas e que conquistá-la é necessário para derrotar o grupo terrorista.

Ainda na segunda-feira, Netanyahu havia afirmado que não descarta realizar novos ataques contra líderes do Hamas “onde quer que estejam”. O premiê falou a jornalistas ao lado do secretário de Estado americano, Marco Rubio, em Jerusalém.

Durante o encontro, o primeiro-ministro disse que o presidente Donald Trump é o “maior amigo” que Israel já teve na Casa Branca. “Sua presença aqui hoje é uma mensagem clara de que os Estados Unidos apoiam Israel”, declarou.

Já Rubio voltou a afirmar que o Hamas “precisa deixar de existir como um elemento armado capaz de ameaçar a paz e a segurança” na região e que os reféns israelenses mantidos em Gaza devem vol-



Investida israelense já deslocou milhares de palestinos em Gaza

tar imediatamente.

Na semana passada, Tel Aviv lançou uma ofensiva inédita contra líderes do grupo terrorista no Catar, mas não matou membros do alto escalão do Hamas. Após o ataque, o governo Trump se limitou a dizer que havia sido informado sobre a ação e fez demonstrações de apoio a Doha, importante aliado americano no Oriente Médio e onde fica a maior base aérea dos EUA na região.

Rubio disse na quinta que os EUA “incentivarão o Catar a continuar desempenhando um papel construtivo em Gaza”. O secretário ainda anunciou que visitará o país árabe após a missão em Israel.

A ofensiva de Israel na capital do território palestino já deslocou centenas de milhares de palestinos que se abrigam ali desde o começo da guerra, há quase dois anos. Antes do conflito, cerca de 1 milhão de pessoas, quase metade da popula-

ção de Gaza, vivia na cidade.

Tel Aviv afirmou publicamente que cerca de 300 mil palestinos deixaram a Cidade de Gaza nas últimas semanas, em decorrência das ordens de retirada emitidas pelas tropas israelenses.

Na última semana, Israel emitiu alertas de retirada de civis para Khan Yunis, no sul de Gaza, afirmando que os moradores receberiam comida, cuidados médicos e abrigo. A área designada seria uma “zona humanitária”, segundo o porta-voz militar israelense Avichay Adraee.

O Exército realiza intensos bombardeios contra a cidade há semanas, avançando pelos subúrbios e, no início deste mês, a ofensiva estava a poucos quilômetros do centro. Alguns moradores afirmaram que se recusam a ser deslocados novamente, também pela incerteza sobre segurança em outros locais do território palestino.

Israel Katz diz que a Faixa de Gaza ‘está em chamas’

O ministro da Defesa de Israel, Israel Katz, afirmou ontem que “Gaza está em chamas”, após intensos ataques sobre a Cidade de Gaza durante a madrugada. A nova ofensiva foi lançada contra o território palestino durante a visita do secretário de Estado dos Estados Unidos, Marco Rubio, a Israel.

Um hospital da região recebeu 12 corpos e cerca de 90 feridos. “Bem, como vocês viram, os israelenses começaram a realizar operações lá na Faixa de Gaza. Então, acreditamos que temos uma janela de tempo muito curta para chegar a um acordo”, disse Rubio,

antes de embarcar para o Catar, onde pretende se encontrar com autoridades árabes indignadas com o ataque lançado por Israel contra negociadores de Israel em Doha, na semana passada.

“Nossa opção número um é que a guerra em Gaza termine por meio de um acordo negociado”, afirmou o chefe da diplomacia americana. “Em algum momento, isso tem que acabar. Em algum momento, o Hamas tem que ser desarmado, e esperamos que isso possa acontecer por meio de uma negociação. Mas acredito que, infelizmente, o tempo está se esgotando”.

Em resposta, Israel chamou a avaliação de “falsa” e “alarmista”. Para o secretário-geral da ONU, António Guterres, a guerra em Gaza é “moral, política e legalmente intolerável”. Pelo menos 70 pessoas foram mortas em todo o enclave palestino nesta terça-feira, a maioria delas na Cidade de Gaza. Segundo um porta-voz das Forças Armadas de Israel, a campanha na Cidade de Gaza deverá continuar até que o Hamas seja derrotado e os reféns israelenses libertados. De acordo com a Rádio do Exército israelense, as tropas pretendem cercar a cidade em poucos dias.

Volodymyr Zelensky cobra posição clara de Trump sobre a guerra

/ GUERRA DA UCRÂNIA

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, cobrou do colega americano Donald Trump uma “posição clara” acerca do comprometimento dele com as negociações acerca de uma eventual trégua no conflito com a Rússia.

“Antes do fim da guerra, eu realmente quero ter todos os acordos prontos. Eu quero ter um documento apoiado pelos Estados Unidos e pelos parceiros europeus. Para que isso ocorra, nós precisamos de uma posição clara do presidente Trump”, disse ele à rede britânica Sky News, ontem.

Ele se referia às chamadas garantias de segurança, um conjunto de medidas que evitaria novas invasões russas em caso de haver um cessar-fogo entre Kiev e Moscou, que invadiu o vizinho em 24 de fevereiro de 2022.

Zelensky e vários líderes europeus querem que essa salvaguarda se materialize na forma de uma força de paz, algo que Vladimir Putin rejeita de forma peremptória. A ameaça de entrada da Ucrânia na aliança militar Otan e consequente presença de tropas ocidentais no país é um dos motivos para o começo da guerra. O presidente da Ucrânia publicou

no X nesta terça-feira que, apenas nas duas primeiras semanas de setembro, a Rússia lançou 3.500 drones e quase 190 mísseis contra seu país, sugerindo mais um mês recorde na violência.

“Também houve provocações a nossos parceiros”, escreveu, em relação ao episódio polonês, que levou à criação de uma missão específica da Otan para reforçar os céus do Leste Europeu. Nesta terça, o secretário de Defesa britânico, John Healey, disse que “se houver drones colocando vidas polonesas em risco, então a Otan vai agir para tirá-los de ação”, afirmou.

Na madrugada e manhã de ontem, a Rússia seguiu lançando drones contra a Ucrânia. Ao menos duas pessoas morreram em Zaporíjia (Sul), onde um grande incêndio atingiu casas após o bombardeio. Em Kharkiv (Norte), uma pessoa filmou a hora em que um drone suicida atingiu um edifício no centro da cidade, a segunda maior da Ucrânia.

Os russos afirmam ter atingido um centro de distribuição de gás em Sumy, no norte ucraniano. Já Kiev afirmou ter atingido a terceira refinaria russa desde o fim de semana com drones, desta vez em Saratov, no Sul do país de Putin.

Lewandowski recebe visto dos EUA para participar de Assembleia da ONU

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O ministro da Justiça e Segurança Pública, Ricardo Lewandowski, recebeu ontem o visto para entrar nos Estados Unidos e participar da comitiva brasileira na Assembleia-Geral da ONU. Lewandowski foi uma das autoridades que teve o visto suspenso por Washington em agosto. A medida fez parte de retaliações do país ao Brasil, que iniciaram a partir do tarifaço.

A cerca de uma semana do início dos discursos de líderes mundiais na Assembleia-Geral da ONU, o governo Donald Trump vem usando vistos para os EUA, necessários para o comparecimento, como arma política contra rivais e desafetos, como a Autoridade Palestina, o Irã e o Brasil.

O encontro anual de chefes de Estado e de governo começa no próximo dia 23, na sede das Nações Unidas, em Nova York. Em entrevista coletiva nesta segunda-feira, o Itamaraty disse que nem todos os membros da delegação

brasileira já receberam seus vistos.

O Ministério das Relações Exteriores pontuou que, por causa do tratado de 1947 que rege as obrigações dos EUA como país-sede da ONU, Washington é obrigado a conceder vistos para todas as delegações, e não há por que esperar que não o faça. Caso contrário, cabem ações legais.

Esse tratado, que tem força de lei nos EUA por ter sido aprovado também pelo Congresso americano, formaliza Nova York como cidade-sede das Nações Unidas, concede imunidade diplomática às instalações e pessoal da ONU, e proíbe Washington de impedir ou obstar a entrada de membros das delegações de cada país.

Ainda assim, para países inimigos com os quais os EUA não têm relações, como Irã, Venezuela e Coreia do Norte, o governo americano impõe certas restrições. Os enviados de Teerã e Pyongyang, por exemplo, não têm permissão de se afastar mais de 40 quilômetros da ilha de Manhattan.